

A MISSÃO CRUCIFORME DE PAULO EM TESSALÔNICA:
A FORMA DO MINISTÉRIO ENCARNACIONAL
Gift Mtukwa, Africa Nazarene University

Introdução

Este artigo é uma tentativa de perceber maneiras pelas quais o apóstolo Paulo encarnou a cruciformidade em sua missão em Tessalônica, conforme registrado em 1 Tess. 2:1-12. Nesta passagem, a tarefa crítica para Paulo, é esclarecer “a tarefa missionária, sua motivação e método”.¹ Argumenta-se aqui que Paulo põe em prática as palavras de Jesus em João 20: 21, “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio”. Na narrativa de João, a primeira parte da declaração torna a segunda parte possível. Não há dúvida que o “‘envio’ (*pempō*, presente do indicativo) por Jesus dos seus seguidores deveria ser modelado no facto de que o Pai o ‘enviou’ (*apestalken*, tempo perfeito)”.² O tempo perfeito nos instrui que Jesus continua na missão O tempo perfeito nos ensina que Jesus continua na missão, e como tal, seus discípulos não começam uma missão, mas continuam uma missão, que Jesus começou.³ Obviamente, a missão de Jesus não é senão a missão de Deus (*Missio Dei*). O artigo trará implicações para a igreja do século XXI.

O Caráter do Ministério

Paul começa por dizer que ele e seus colegas de trabalho sofreram *propaschō* e foram vergonhosamente maltratados em Filipos.

¹Earl Richard, *First and Second Thessalonians (Primeiro e Segundo Tessalonicenses)* (Collegeville, Minn.: Liturgical Press, 1995), 89.

²Gerald L. Borchert, *John (João) 12–21*, vol. 25B, *The New American Commentary* (Broadman & Holman Publishers, 2002), 306.

³D. A. Carson, *The Gospel According to John (O Evangelho de Acordo com João)*, *The Pillar New Testament Commentary (O Comentário Pillar do Novo Testamento)* (Inter-Varsity Press; W.B. Eerdmans, 1991), 649.

O significado de *propaschō* é experimentar algo no sentido negativo. Denota o sofrimento sob perseguição no senso ativo, trazendo assim a nuance de guerra e luta.⁴ R.C.H Lenski favorece “lutas internas,” assim, ele processa *agōn* “com muita agonia”.⁵ Paul Hiebert favorece oposição externa à pregação do evangelho como o significado correto de *agōn* em oposição a lutas internas.⁶ Alguns há que entendem que ambos os sentidos foram intencionados, sugerindo que a oposição externa pode na verdade causar conflito interno. Nós concordamos com John Bailey que diz que *agōn* significa "oposição exterior como base para qualquer conflito interior que possa ter surgido".⁷

Independentemente da oposição, Paulo estava comprometido com O crucificado e, por essa razão, a oposição não impediu sua missão.⁸ Sua obra missionária era baseada em seu encontro com Cristo, crucificado e ressurreto, a quem conheceu na estrada de Damasco.⁹ Paulo entendeu que proclamar a Jesus “que sofreu, morreu e ressuscitou dentre os mortos envolve o sofrimento por parte das testemunhas de Jesus.”¹⁰ Assim sendo, Paulo e seus colaboradores “eram ousados (*eparrēsiasametha*)” em Deus para pregar o evangelho de Deus. Sua *parrēsia* não era nem a de um cidadão livre com direito a falar, nem a da franqueza de um filósofo com

⁴Richard, *First and Second Thessalonians*, 91.

⁵R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. Paul's Epistles to the Colossians, to the Thessalonians, to Timothy, to Titus and to Philemon* (Lutheran Book Concern, 1937), 244.

⁶Hiebert, *The Thessalonian Epistles*, 78-82.

⁷John W Bailey, “The First and Second Epistles to the Thessalonians,” in *The New Interpreter's Bible*, vol. 11 (Abingdon Press, 2000), 267.

⁸Fee, *The First and Second Letters*, 58.

⁹Eckhard J. Schnabel, “Paul The Missionary,” in *Paul's Missionary Methods: In His Time and Ours*, ed. John Mark Terry and Robert L Plummer (Nottingham: Inter-Varsity Press, 2013), 29.

¹⁰ Schnabel, “Paul The Missionary,” 31.

seus amigos, mas a daquele cuja origem estava em Deus.¹¹ O conteúdo da liberdade de expressão de Paulo era para *euangelion tou theou* onde “*tou theou* não é o objeto, mas um genitivo de origem, o evangelho que vem de Deus.”¹² Em 1 Tess. 1: 6 Paulo afirma que os tessalonicenses se tornaram “imitadores nossos e do Senhor”, mesmo em meio à perseguição. O “Senhor” neste caso se refere a Cristo que se encaixa na descrição do sofrimento terrenal.¹³ Paulo segue seu Senhor “Jesus Cristo,” e em contrapartida, os tessalonicenses seguem Paulo. Sem dúvida o padrão de Cristo é normativo para Paulo e suas comunidades.

Paulo faz uso da raiz *dokimazō*, que significa testar ou examinar. A palavra costumava ser usada para se referir a alguém que era apto para cargos públicos. Os candidatos a missionários na igreja do Nazareno são examinados mais candidatos políticos acostumados a serem inspecionados.¹⁴ No entanto, Paulo não se examinava como os filósofos fiziam, Deus faz o exame. Como os profetas do AT que eram chamados por Deus (Jer. 1:5; Isa 49:1), da mesma maneira, Paulo havia sido comissionado por Deus.¹⁵ Assim sendo, Paulo usa terminologia do Antigo Testamento para falar sobre seu estilo de vida como um missionário. No entanto, Paulo extrai do mundo helenístico quando fala sobre sua atividade missionária, por exemplo, lisonja.¹⁶ A comissão divina e o desempenho profético correspondem um com o outro. Em outras palavras, a “obrigação motivou e dirigiu seu trabalho”.¹⁷

¹¹Malherbe, *The Letters to the Thessalonians*, 135-36.

¹² Malherbe, *The Letters to the Thessalonians*, 137.

¹³Fee, *The First and Second Letters*, 42.

¹⁴Witherington, *1 and 2 Thessalonians*, 79.

¹⁵Malherbe, *The Letters to the Thessalonians*, 141.

¹⁶Ernest Best, *A Commentary on the First and Second Epistles to the Thessalonians* (London: Adam & Charles Black, 1977), 99.

¹⁷Hiebert, *The Thessalonian Epistles*, 86.

A missão de Paulo era sobre a proclamação do evangelho de Deus, o qual não é outro senão “o evangelho de Cristo” (1 Tessalonicenses 3: 2), significando “o evangelho que é todo sobre Cristo e o que ele tem feito”.¹⁸ O Deus de Israel, mencionado nove vezes, nesta passagem é o mesmo com Cristo a quem ele enviou. Gordon Fee tem demonstrado como Paulo se apropria da palavra *kyrios*, a qual se refere a YHWH, e é agora aplicada a Cristo.¹⁹ Paulo e seus companheiros representam este Deus como apóstolos de Cristo.

Em resumo, Paulo, do mesmo modo que Jesus que ele representa, enfrentou oposição em sua proclamação do evangelho. Essa oposição não o impediu de fazer o que ele foi designado para fazer. Ele não se escolheu para esta tarefa, mas foi “aprovado por Deus”, que também “prova ... corações”. O propósito dessa aprovação foi para a proclamação do evangelho, o qual fala do Filho de Deus, Jesus Cristo. Vejamos agora a natureza da missão de Paulo.

A Natureza (Métodos) da Missão

No versículo 3, Paulo lembra aos tessalonicenses da natureza do seu ministério. Ele faz isso apresentando o negativo (o que ele não fez) e depois o positivo (o que ele fez). A palavra “kolakeia”, muitas vezes traduzida como lisonja ou trapaça, significa “a subordinação de si mesmo a outra pessoa para sua própria vantagem”.²⁰ Normalmente, o motivo dessa manipulação era o ganho monetário e sua equivalência. Aprendemos essa estratégia de Aristóteles²¹, que

¹⁸Fee, *The First and Second Letters*, 58.

¹⁹Gordon D Fee, *Pauline Christology: An Exegetical-Theological Study*. (Grand Rapids: Baker Book House, 2013), 45.

²⁰James Everett Frame, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles of St. Paul to the Thessalonians*, (New York: C. Scribner's Sons, 1912), 97.

²¹Aristotle *Nichomachean Ethics* 4.6.9; Beale, *1-2 Thessalonians*, 69; Fee, *The First and Second Letters to the Thessalonians*, 62.

disse: “A pessoa que procura satisfazer as pessoas ... por causa de conseguir algo para si mesma é uma adulara “. ²²

Como emissários de Deus, os missionários evitaram motivos negativos (akatharsias). A sensação de akatharsias aqui é uma impureza moral e não cerimonial. ²³ O compromisso de Paulo com o evangelho não lhe permitiria agradar as pessoas, tornando-o atraente. ²⁴ Este compromisso, no entanto, não significa que Paulo não tivesse contextualizado o evangelho; ele ainda foi capaz de “tornar-se tudo para todas as pessoas” (1 Coríntios 9:22) sem comprometer sua mensagem. Segundo Schnabel, “o evangelho do Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado, determina o alcance e os limites da acomodação missionária”. ²⁵ Do lado positivo, os missionários falaram com abertura e veracidade. Não só evitaram motivos impuros, mas também evitaram “dolo” (*dolos*). Para os missionários, o fim não justifica os meios, nem todos os métodos (discurso lisonjeiro) podem ser usados para obter conversos, algo que os charlatães estavam dispostos a fazer. ²⁶ Assim sendo, “suas perspectivas teológicas, suas prioridades estratégicas, suas motivações e seus métodos” foram “baseados na realidade da morte e ressurreição de Jesus”. ²⁷

Da mesma forma, Paul e seus colegas não agradaram (*doxa*) homens. De acordo com o filósofo grego Dio Crisóstomo, um verdadeiro filósofo não falava por causa da *doxa*. Crisóstomo não teve palavras gentis para um sofista por nome Prometeu, de quem ele diz que estava “sendo destruído pela opinião popular (*doxa*); pois o fígado dele inchava e crescia sempre que ele era

²²Aristotle *Nichomachean Ethics* 4.6.9 cited in Witherington, *1 and 2 Thessalonians*, 79.

²³Green, *The Letters to the Thessalonians*, 118.

²⁴Terence Peter Paige, *1 & 2 Thessalonians: A Commentary in the Wesleyan Tradition*, 2017, 77.

²⁵Schnabel, “Paul The Missionary,” 35.

²⁶Richard, *First and Second Thessalonians*, 94.

²⁷Schnabel, “Paul The Missionary,” 35.

louvado e enrubescido novamente quando era censurado”.²⁸ Que Paulo não “tivesse buscado a glória” é ainda mais importante, considerando a forma como as pessoas do seu dia estavam obcecadas com a honra, como podemos ver pelos monumentos que deixaram para trás, recitando seus serviços aos deuses e suas cidades.²⁹ Nesse sentido, Paulo contrasta com filósofos e sofistas cujo objetivo era serem honrados por suas audiências.³⁰ Ele estava ciente de que “o trabalho missionário não era sobre honra pessoal e status, mas sobre fazer o trabalho ordenado por Deus”.³¹

Em resumo, os métodos de Paulo estavam acima do comum; Ele não falou com engano, truques, nem lijongeia sua audiência. Embora Paul pudesse contextualizar o evangelho, essa contextualização tinha limites. O evangelho de Cristo em si era o limite. O evangelho foi apresentado com abertura e veracidade. Os métodos tinham que ser consistentes com o evangelho pregado. Isso nos leva à questão da conduta dos mensageiros do evangelho.

A Conduta dos Mensageiros

Não só seus métodos estavam acima do comum, mas a conduta pessoal dos missionários também estava alinhada com o evangelho que eles pregavam. Paulo sabia que eles tinham autoridade como apóstolos de Cristo para exigir apoio; mesmo com esse conhecimento eles, não fizeram uso de seus privilégios. A palavra traduzida na NRSV como “demanda” é *en barei* que também pode significar ser um “fardo”. “Fala do peso da autoridade de uma cidade ou pessoa devido ao seu caráter ou importância”.³² “Demanda” é a melhor tradução aqui, uma vez que o

²⁸Dio Chrysostom 32.11; 12:5 cited in Green, *The Letters to the Thessalonians*, 124.

²⁹Paige, *1 & 2 Thessalonians*, 78.

³⁰Wanamaker, *The Epistles to the Thessalonians*, 97.

³¹Schnabel, “Paul The Missionary,” 34.

³²Green, *The Letters to the Thessalonians*, 125; Plutarch, *Pericles*, 37.

foco de Paul é sobre os privilégios que ele não utilizou. É claro que as demandas, que poderiam ter feito, poderiam resultar na sobrecarga dos tessalonicenses. Em vez disso, os missionários apareceram como “infantes” confiantes sob o cuidado da comunidade.³³

Paulo afirma que ele e sua equipe eram “apóstolos de Cristo”. A instituição judaica do *shaliach*, alguém que atuava ou falava por outra cuja autoridade ele ou ela carregava. A Mishná afirma: “o enviado por um homem é como o próprio homem” *Mishnah Berakhot* (5:5). Os apóstolos então estavam realizando uma missão em nome de outra pessoa, e eles fizeram isso com sua autoridade. É claro que eles carregaram a autoridade do próprio Cristo.³⁴ No entanto, eles não estavam dispostos a reivindicar tudo o que podiam em seu nome. Eles decidiram renunciar aos privilégios que poderiam ter tido como apóstolos de Cristo. Mesmo assim, a equipe apostólica age como Cristo (Fp. 2: 5-11).

Ao contrário de Earl Richard, que não vê um motivo cristológico nesta passagem, isto só faz sentido a partir de uma perspectiva cristológica.³⁵ O entendimento de Paulo não aceita diferença entre o trabalho do Pai e o de Cristo.³⁶ O que Paulo escolheu fazer, isto é, não confiar em sua posição de enviados divinos, era consistente com o comportamento de Cristo. Nada pode ser mais cristológico do que o comportamento desses missionários. Para Michael Gorman “A ação de Cristo é a norma ou padrão para as ações de Paulo; ... ele é *amimētēs* - um imitador - de

³³Malherbe, *The Letters to the Thessalonians*, 144-46. Reconhecemos o significado do problema textual; gentil *ēpioi* e bebês *nēpioi*, no entanto, é nossa afirmação que a leitura mais difícil (bebês *nēpioi*) deve ser favorecida, uma vez que é apoiada pela maioria das testemunhas e se encaixa no contexto de nossa passagem.

³⁴Green, *The Letters to the Thessalonians*, 126.

³⁵Richard, *First and Second Thessalonians*, 103.

³⁶Fee, *The First and Second Letters*, 53-54.

Cristo.”³⁷ Em outras palavras, o ministério de Paulo foi configurado “pelo padrão narrativo do cruciforme amor de Cristo”.³⁸

Paulo, exatamente como Cristo, renunciou a seus direitos e não os usou para seus próprios desejos egoístas, apesar de ele ter o direito de o fazer, ele escolheu abandonar esse privilégio, escolhendo o amor como expressão do seu evangelho.³⁹ F.F. Bruce está certo ao dizer: “Nenhuma outra atitude beneficiaria os pregadores de um evangelho que proclamava como Senhor e Salvador aquele que ‘esvaziou-se a si mesmo’ (Fp. 2:7) para o enriquecimento de outros”.⁴⁰ A similaridade entre *en mesōhumōn* (entre vós) e *en mesō humōn* (Lc. 22:27) é inegável.⁴¹ O ministério de Jesus caracterizou-se pelo serviço aos outros e está aqui encarnado pelos missionários.⁴² Para Paulo, funcionar como um escravo de Cristo e dos outros tornou-se seu *modus operandi*.⁴³

Paulo converteu uma “formula cristológica sobre a morte voluntária de Cristo na situação pastoral de interpretar seu ministério aos Tessalonissences.”⁴⁴ Em outras palavras, a postura de Cristo ao morrer é a postura do ministério de Paulo. Paulo oferece-se a si mesmo aos outros do mesmo modo que Cristo deu sua vida pelos outros. Nas palavras de Best, “Paulo não apenas dá o que ele tem, o evangelho, mas o que ele é, ele mesmo”.⁴⁵ O resultado é que Paulo e

³⁷Gorman, *Cruciformity: Paul's Narrative*, 185.

³⁸Gorman, *Cruciformity: Paul's Narrative*, 185.

³⁹Gorman, *Cruciformity: Paul's Narrative*, 91-93.

⁴⁰Bruce, *1 & 2 Thessalonians*, 33.

⁴¹George Milligan, *St. Paul's Epistles to the Thessalonians. The Greek Text, with Introduction and Notes*; (London: Macmillan and Co., 1908), 21.

⁴²Bruce, *1 & 2 Thessalonians*, 33.

⁴³Gorman, *Cruciformity: Paul Narrative*, 187–88.

⁴⁴Gorman, *Cruciformity: Paul Narrative*, 194; Bruce, *1 & 2 Thessalonians*, 28–33.

⁴⁵Best, *A Commentary on the First*, 102.

seus colegas missionários compartilharam vida com seus conversos, dessa forma “seu minist’erio tinha a forma do cruciforme amor em imitação do seu Senhor”.⁴⁶

Paulo não encontra uma maneira melhor de compartilhar a vida em comum do que realmente trabalhar junto com os tessalonicenses. O trabalho manual de Paulo é "um ato de entrega de si mesmo", que demonstra como Paulo compartilhou sua vida com os tessalonicenses.⁴⁷ O tempo presente sinaliza que o trabalho era feito continuamente. No entanto, dia e noite não significa que eles trabalhavam sem parar. A frase demonstra o quão exigente e tedioso era o trabalho do artesão para Paul e seus colegas de trabalho.⁴⁸ Paulo conecta o fato do seu trabalho com a pregação do evangelho. A razão é “para não sobrecarregarmos nenhum de vocês” (1 Tes. 2: 9). Estudos acadêmicos têm notado a importância do trabalho de Paulo para sua vocação apostólica.⁴⁹ A oficina não apenas proporcionou-lhes o sustento, como também um fórum para a pregação do evangelho.⁵⁰ De acordo com Ronald Hock, o apóstolo Paulo, como Socrates em Simon, a oficina do sapateiro, estava “ocupado em fazer tendas e ocupado na pregação do evangelho”.⁵¹ Paulo não compartimentalizou sua vida, ele entendeu o fato de que ele era um apóstolo de Cristo a qualquer hora do dia.

⁴⁶Gorman, *Cruciformity: Paul Narrative*, 194–95; Malherbe, *The Letters to the Thessalonians*, 160.

⁴⁷Malherbe, *The Letters to the Thessalonians*, 160.

⁴⁸Richard, *First and Second Thessalonians*, 102.

⁴⁹Ronald F Hock, *The Social Context of Paul’s Ministry: Tentmaking and Apostleship* (Philadelphia: Fortress Press, 1980), 62.

⁵⁰Richard, *First and Second Thessalonians*, 103; Gorman, *Cruciformity: Paul Narrative*, 183; Wanamaker, *The Epistles to the Thessalonians*, 104.

⁵¹Ronald F Hock, *The Working Apostle: An Examination of Paul’s Means of Livelihood* (New Haven, Conn.: Fortress Pr, 1979), 450.

Paulo apoiaria o direito do trabalhador de receber seu salário (1 Cor 9: 3-7) e ele recebeu apoio de Filipos durante sua missão em Tessalônica (Filipenses 4: 15-16). No entanto, Paulo não queria que tal apoio impedisse o evangelho. Paulo não queria que a igreja aparecesse como uma das associações greco-romanas em que taxas de adesão eram necessárias para que alguém continuasse a desfrutar dos privilégios de associação.⁵² Como resultado, ele decidiu não receber apoio de onde ele estava fazendo o trabalho da missão.⁵³ Consequentemente, o caráter de Paulo era “puro, santo e sem mancha”. Sua conduta estava acima de qualquer reprovação tanto aos olhos de Deus quanto dos homens.

Em suma, Paulo e seus colegas de trabalho chegaram aos tessalonicenses como “infantes”. Esta metáfora encapsula o fato de que eles não “foram um peso ao seu derredor”. Embora fossem apóstolos de Cristo, não exigiam os privilégios para eles. Como Cristo, que não veio para ser servido, mas para servir, Paulo e sua equipe, em vez disso, serviram aos tessalonicenses em vez de exigir o serviço deles. Como tal, eles compartilharam suas vidas com os tessalonicenses, como demonstrado ao trabalharem para se sustentarem. Vejamos agora por que Paulo e a equipa fizeram o que fizeram.

O Alvo do Ministério

Paul se volta para a última metáfora nesta passagem, a de um “pai”. Sua missão em Tessalônica necessitava que ele agisse como um pai para seus novos convertidos. No mundo antigo (gregos e romanos) era dever do pai prover instrução moral aos seus filhos.⁵⁴ A socialização envolvia apresentá-los aos aspectos socioeconômicos e culturais da vida na

⁵²Paige, *1 & 2 Thessalonians*, 82.

⁵³Richard, *First and Second Thessalonians*, 104; Wanamaker, *The Epistles to the Thessalonians*, 103.

⁵⁴Fee, *The First and Second Letters to the Thessalonians*, 81.

sociedade em que viviam.⁵⁵ A frase “cada um de vocês” apoia a conclusão de que eles não pregavam *em massa*.⁵⁶ Assim, o trabalho missionário de Paulo não foi apenas fundar, mas também moldar e nutrir a comunidade.⁵⁷ A conversão a uma nova religião implica a re-socialização às crenças e valores da nova religião. Esta é a única maneira pela qual o converso pode efetivamente funcionar dentro do novo sistema religioso.⁵⁸ A instrução sobre a vida moral não foi uma reflexão tardia, mas a principal preocupação da equipe missionária.⁵⁹

Em Tessalonicenses, Paulo revela os objetivos para os quais trabalhou como pai. Foi com o resultado de que eles “caminhariam de uma maneira digna de Deus” (1 Tessalonicenses 2:12). A frase “de modo digno de Deus” tem origens religiosas helenísticas e a frase tem a ver com o comportamento esperado dos devotos de um deus. Esse comportamento costumava ser prescrito de acordo com o caráter do deus específico.⁶⁰ Paulo funciona como um pai substituto, aquele que treina seus filhos nos caminhos de seu verdadeiro pai que os chama para seu reino de glória.⁶¹ O objetivo da salvação para Paulo é a restauração à imagem de Deus e o Cristo encarnado é a materialização desta realidade.⁶²

Em resumo, Paulo se compara a um pai de acordo com seu papel como instrutor moral. Seu dever é ensinar aos seus convertidos as expectativas do Deus que eles agora seguem. Ele ensina

⁵⁵Wanamaker, *The Epistles to the Thessalonians*, 106.

⁵⁶Wanamaker, *The Epistles to the Thessalonians: A Commentary on the Greek Text*, 106.

⁵⁷Malherbe, *The Letters to the Thessalonians*.

⁵⁸John Wilson, *Religion*. (London: Heinmann Educational Books, 1972), 118–20.

⁵⁹Green, *The Letters to the Thessalonians*, 136.

⁶⁰Richard, *First and Second Thessalonians*, 108.

⁶¹Fee, *The First and Second Letters*, 84.

⁶²Fee, *The First and Second Letters*, 84.

seus convertidos para que possam "andar de maneira digna de Deus". Andar assim é andar como Cristo andou, o modo que Paulo exemplificou entre os tessalonicenses.

Implicações da Missão Cruciforme Hoje

Ser “enviado” na maneira em que Cristo foi enviado é ser cruciforme. Aqueles que aceitam o chamado de Cristo para ir também devem se tornar como Cristo. A missão de Paulo em Tessalônica era uma encarnação da missão cruciforme. Tal missão não é dissuadida por qualquer forma de oposição. É uma missão na qual Deus não só aprova, mas continua a testar seus mensageiros. Os métodos, que são usados neste ministério, devem ser consistentes com o evangelho pregado. Como resultado, o engano, truques e lisonjas não podem ser usados, somente a abertura e a verdade funcionarão.

Em nossos dias, o evangelho muitas vezes é palatável para o público. Em alguns casos, a mensagem pregada não faz exigências sobre aqueles que se juntam. Eles vêm como estão e permanecem como estão. Tais métodos não são consistentes com o evangelho do Cristo crucificado. Aqueles que pregam Cristo não devem “impor-se aos outros”, mas devem comportar-se como crianças inocentes que não têm exigências para fazer. Além disso, eles também devem atuar como servos em vez de mestres, como Cristo, devem ser “entre vós como alguém que serve”. Na sociedade contemporânea onde temos pregadores e evangelistas que não viajam em companhias aéreas comerciais, mas usam seus próprios jatos particulares, esse cenário revela uma situação em que as necessidades dos mensageiros são mais importantes do que o evangelho que proclamam. Da mesma forma, temos instâncias em que os mensageiros vivem vidas luxuosas, muito acima da média da congregação. O exemplo de Paulo e de Cristo de compartilhar a vida com seus convertidos e trabalhar com eles é um antídoto necessário. O ministério evangelístico não deve ser separado do ministério do discipulado. Na África, muitas

vezes foi dito que “o cristianismo é uma milha de largura e uma polegada de profundidade”, deve ser tão amplo quanto profundo. Os males sociais que temos não podem ser causados só por aqueles que não são cristãos. Devemos aprender com Paulo que fundou, criou e moldou suas comunidades de fé. Não é suficiente converter as pessoas; devemos desenvolver um plano para ensinar-lhes as exigências da fé que aceitaram. O objetivo de tal instrução deve ser sempre que as pessoas “caminhariam vidas dignas de Deus”. O reino de Deus deve então ser nosso foco em nosso ministério de discipulado.

Em conclusão, na missão em que Jesus nos chama, a maneira pela qual nós vamos é tão importante como ir. O enviado não pode ser diferente daquele que o enviou. A missão cristã é definida por Cristo crucificado; Aqueles que se juntam a ela só podem assumir a postura de crucificação. O caráter, o método, o objetivo e a conduta dos missionários devem incorporar a crucificação, assim como a missão de Paulo fez. Aqueles em busca de mobilidade ascendente não têm participação neste ministério.

Bibliografia

- Bailey, John W. “The First and Second Epistles to the Thessalonians.” *The New Interpreter’s Bible*. Vol. 11. Abingdon Press, 2000.
- Beale, G. K. *1-2 Thessalonians*. InterVarsi. Downers Grove: InterVarsity Press, 2003.
- Best, Ernest. *A Commentary on the First and Second Epistles to the Thessalonians*. London: Adam & Charles Black, 1977.
- Borchert, Gerald L. John 12–21. Vol. 25B. *The New American Commentary*. Broadman & Holman Publishers, 2002.
- Bruce, F. F. *1 & 2 Thessalonians*. *Word Bibli*. Waco: Word, 1982.
- Carson, D. A. *The Gospel According to John*. *The Pillar New Testament Commentary*. InterVarsity Press; W.B. Eerdmans, 1991.
- Donfried, Karl Paul, and I. Howard Marshall. *The Theology of the Shorter Pauline Letters*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1999.
- Fee, Gordon D. *Pauline Christology: An Exegetical-Theological Study*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 2013.

- . *The First and Second Letters to the Thessalonians*. Grand Rapids: W.B. Eerdmans Pub. Co, 2009.
- Frame, James Everett. *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles of St. Paul to the Thessalonians*. New York: C. Scribner's Sons, 1912.
- Gorman, Michael. *Cruciformity: Paul Narrative Spirituality of the Cross*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001.
- Green, Gene. *The Letters to the Thessalonians*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002.
- Hiebert, D. Edmond. *The Thessalonian Epistles: A Call to Readiness*. Chicago: Moody Press, 1982.
- Hock, Ronald F. *The Social Context of Paul's Ministry: Tentmaking and Apostleship*. Philadelphia: Fortress Press, 2007.
- . *The Working Apostle: An Examination of Paul's Means of Livelihood*. New Haven, Conn: Fortress Pr, 1979.
- Lenski, R. C. H. *The Interpretation of St. Paul's Epistles to the Colossians, to the Thessalonians, to Timothy, to Titus and to Philemon*. Minneapolis: Augsburg Fortress, Publishers, 1937.
- Lincoln, Andrew T. *The Gospel According to Saint John*. *Black's New Testament Commentary*. Continuum, 2005.
- Malherbe, Abraham J. *The Letters to the Thessalonians: A New Translation with Introduction and Commentary*. New York: Doubleday, 2000.
- Milligan, George. *St. Paul's Epistles to the Thessalonians. The Greek Text, with Introduction and Notes*. London: Macmillan and Co., 1908.
- Paige, Terence Peter. *1 & 2 Thessalonians: A Commentary in the Wesleyan Tradition*. 2017.
- Richard, Earl. *First and Second Thessalonians*. Collegeville, Minn.: Liturgical Press, 1995.
- Schnabel, Eckhard J. "Paul The Missionary." Pages 29–43 in *Paul's Missionary Methods: In His Time and Ours*. Edited by John Mark Terry and Robert L Plummer. Nottingham: InterVarsity Press, 2013.
- Wanamaker, Charles A. *The Epistles to the Thessalonians: A Commentary on the Greek text*. *New International Greek Testament Commentary*. W.B. Eerdmans, 1990.
- Wilson, John. *Religion*. London: Heinmann Educational Books, 1972.
- Witherington, Ben III. *1 and 2 Thessalonians: A Socio-Rhetorical Commentary*. Grand Rapids: Eerdmans, 2006.